

RONDONÓPOLIS

A CIDADE DA GENTE

Luciana Nabuco

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Olavo Costa e Jordí**



RONDONÓPOLIS

A CIDADE DA GENTE

Luciana Nabuco
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Olavo Costa e Jordí**



OLHARES

São Paulo 2025



A leitura transforma. E transforma com ela a cidade, as pessoas, os sonhos.

A Pesquisa Retratos da Leitura, de 2024, mostra que houve queda de 6,7 milhões de leitores em quatro anos, no Brasil. Ainda segundo o relatório, as principais causas associadas a essa diminuição são a falta de tempo, o desinteresse pelo hábito e a preferência por outras atividades, como uso de telas. Em um contexto cada vez mais acelerado, em que a economia da atenção dá a tônica de nossos comportamentos e nossos hábitos, a leitura segue sendo uma prática central para a formação de sociedades equilibradas, engajadas, sustentáveis e resilientes.

Literatura é o causo, a anedota, a piada, o noticiário policial, a canção popular, a lenda urbana, o conto, a fábula. Você, leitor, também faz literatura. Que são nossos sonhos, senão histórias imaginadas, fantasiadas? Que são nossos sonhos, senão um mecanismo de regulação emocional e psíquica, de elaboração dos acontecimentos vividos? A literatura, nesse sentido, não só nos permite pensar a própria condição da experiência humana, como nos constitui enquanto sujeitos. Antonio Candido conclui, em “Direitos Humanos e Literatura”: “[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização”. Por isso, a literatura e a leitura são direitos fundamentais de toda a sociedade, diria Candido.

É com a missão de fortalecer iniciativas voltadas à cultura e à democratização do acesso ao livro que a ADM apoia iniciativas como esta, através das leis de incentivo fiscal. Para nós, é ímpar a oportunidade de fomentar o progresso social, econômico e ambiental nas localidades onde estamos presentes. Rondonópolis é a casa de 260 mil pessoas com diferentes histórias, centenas das quais colaboram com nossa fábrica, a maior de processamento de soja do Brasil. Por isso, temos o compromisso de que, nessa cidade em que parte da ADM vive e mora, sua gente, sua cultura, sua arquitetura e suas paisagens sejam tornadas livro pelos estudantes-autores.

Este é um belo trabalho de narração do lugar onde criamos raízes. Se na ADM desbloqueamos o poder da natureza para enriquecer a vida, você encontrará, aqui, os olhares singulares da juventude a nos desvelar a cidade da gente.

Aproveite a leitura!

ADM

Ana, Maria, Pedro, Isabel, _____

Bem-vindos a *Rondonópolis – A cidade da gente!* Capital do agronegócio, cidade-escola, a cidade das oportunidades!

Neste livro, vocês vão conhecer pessoas, lugares e bichos da nossa cidade e vão aprender novas maneiras de escrever, desenhar, pintar, cantar, recortar, recitar...

Na verdade, vocês vão perceber que as poesias, os desenhos, as pinturas e as músicas falam de pessoas, lugares, bichos e coisas que vocês já viram, já imaginaram, já experimentaram e, o mais importante, já conheceram, pois tudo isso é *Rondonópolis – A cidade da gente!*

Este livro é parte do projeto A Cidade da Gente e foi especialmente desenvolvido pelos alunos da Rede Municipal de Ensino, possibilitando a eles protagonismo e despertando encantamento, pertencimento e apreço por sua gente, seu patrimônio e sua cidade.

A partir de investigações pessoais e coletivas, os diferentes textos abordam temáticas diversas e, por meio da ação poética e do exercício da arte, nos convidam a celebrar a nossa cidade e o seu maior patrimônio, a sua gente!

Viva cada estudante, cada professor, cada escola!

Viva nossa gente e nossos valores!

Viva *Rondonópolis – A cidade da gente!*

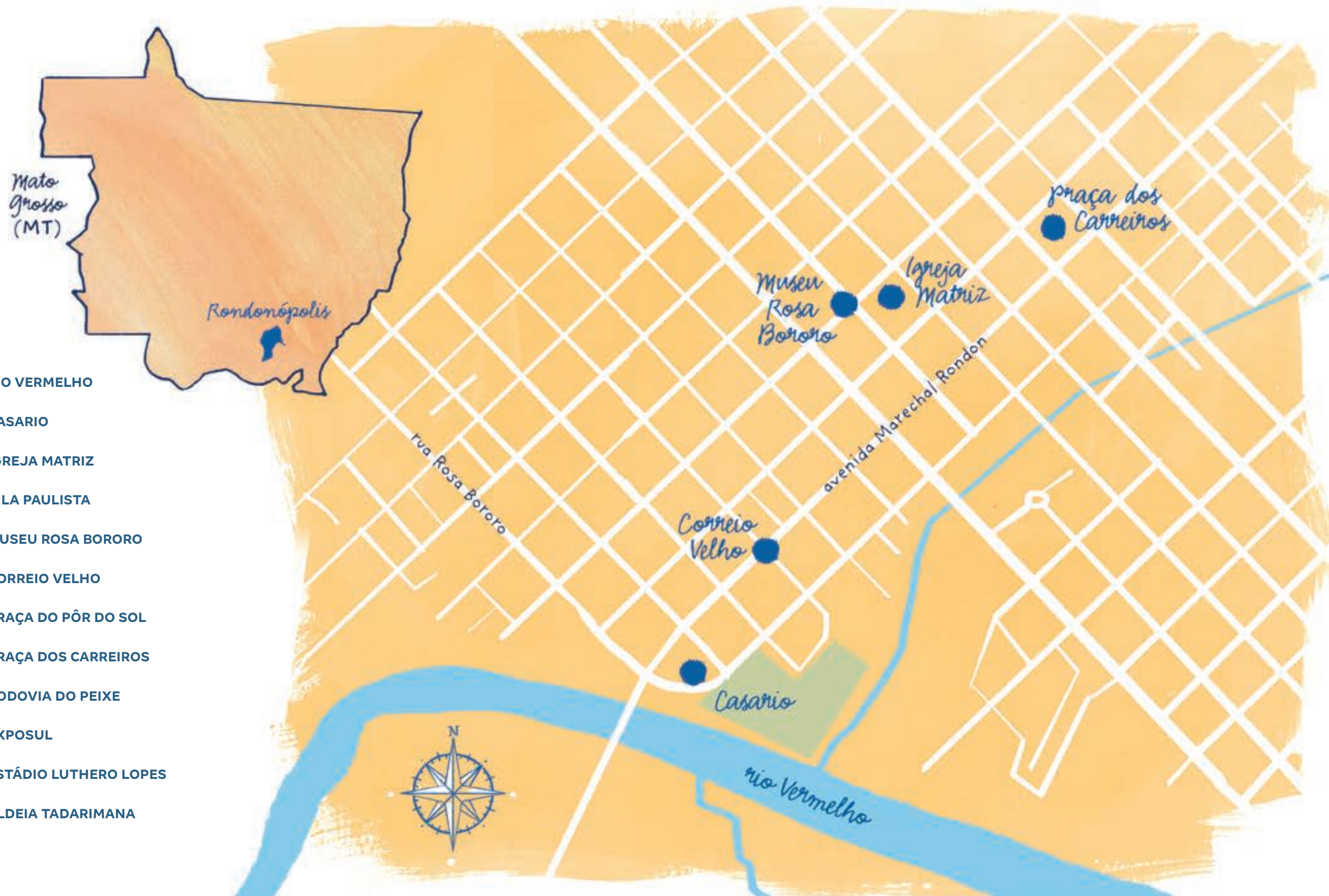
Carlos Alberto Pereira Júnior

Secretário Municipal de Educação, Cultural, Esporte e Lazer



SUMÁRIO

10	RIO VERMELHO
16	CASARIO
22	IGREJA MATRIZ
26	VILA PAULISTA
32	MUSEU ROSA BORORO
36	CORREIO VELHO
40	PRAÇA DO PÔR DO SOL
46	PRAÇA DOS CARREIROS
54	RODOVIA DO PEIXE
60	EXPOSUL
66	ESTÁDIO LUTHERO LOPES
74	ALDEIA TADARIMANA





Nos tempos antigos a humanidade se reunia em torno da fogueira para contar histórias. Desse modo, ritualizavam suas memórias para nunca mais esquecer os sonhos e transmitiam-nos através da oralidade, das pinturas rupestres, dos grafismos nos corpos, tecidos e das cerâmicas. O humano é um ser coletivo que gosta de compartilhar os relatos e precisa disso.

O maior cultivo que podemos fazer é entender nossas histórias, que cada pequena porção delas tem sua importância e estamos entrelaçados através das mais diversas narrativas. Assim ancoramos e fortalecemos a cultura de um lugar. Há pelo menos 6 mil anos, rastros e vestígios de habitantes foram encontrados no sítio arqueológico Ferraz Egreja, onde hoje é a cidade da gente, Rondonópolis.

Do pequeno povoado que emerge em 1902 com a vinda de Manoel Rodrigues dos Santos e outras famílias, muitos caminhos foram traçados. Poucos anos depois, em 1907, chegam as expedições telegráficas do marechal Cândido Mariano Rondon. Em 1915, a localidade do Rio Vermelho recebeu setenta famílias que vinham com muita esperança e força de trabalho, semeando memórias. E, em 1918, Otávio Pitaluga reescreve mais uma página do livro da futura cidade quando propõe a mudança do nome para Rondonópolis, em homenagem a Rondon. Quantos capítulos não é mesmo? E continua ainda, em 10 de dezembro de 1953 nossa cidade conquista sua emancipação política, o que nos presenteia com duas efemérides comemorativas oficiais, 1918 e 1953.

Sertanista, engenheiro militar que tinha em seu sangue a ancestralidade dos Boe-Bororo pela linhagem materna e dos Guará pela linhagem paterna, Rondon – o grande marechal que emprestou seu nome para nossa cidade – foi o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e apoiou os irmãos Villas-Bôas na campanha para a criação do Parque Nacional do Xingu. Os Bororo, ou Boe, é um dos primeiros povos originários dessa região, e seus ritos e costumes marcam fortemente a identidade da nossa cidade. Um dos ritos dos Boe-Bororo é a nominação, ou seja, um batizado para nomear a criança ao nascer.

Ao dar o nome estamos afirmando nossa marca na terra, nossa passagem e nossa identidade. É um modo de dizer que somos únicos e caminharemos com a responsabilidade daqueles que nos antecederam. É uma transmissão de amor. Os alunos que pesquisaram e escreveram as histórias que vamos ler a seguir deixam dessa forma suas impressões, em poemas, contos, fanfics e relatos, documentando e fabulando igualmente. Como quem um dia se reuniu em torno do fogo, símbolo da transformação e impulso da civilização. A vida é trocar histórias. Como os Bororo, para continuar, movimentar e deixar nosso legado no mundo.

RIO VERMELHO

EMEF VILA PAULISTA MARIA URSULINA DE MIRANDA
Professoras Adriaine Salomão e Mirtes Campos Pereira
Turma 6º ano C

Nossa cidade surge alimentada pelo rio Vermelho. Daí nosso primeiro nome, Povoado do Rio Vermelho. Para os povos Boe-Bororo, o rio era chamado de Pogubo, nome de um passarinho com a cabeça vermelha. A coloração avermelhada da água é proveniente do ferro em seu leito. O ocre foi um dos primeiros pigmentos que a humanidade utilizou também para registrar suas memórias em pinturas rupestres. É o principal rio que atravessa Rondonópolis. Em suas margens o povoado viu nascer sua gente. As águas doces, alimento da vida, serviu de inspiração para poemas como o da Fernanda, que se fez água para contar a melodia do nosso rio.

Riquezas em vida selvagens,
Inspirando poetas e costumes,
Ondas que contam histórias.
Velocidade da correnteza
Em suas margens a vida pulsa
Ressaca de águas barrentas
Mistérios em suas profundidades.
Espelho da natureza
Limites da paisagem
Histórias gravadas por pescadores
Onde resgato os vestígios do rio Vermelho.
Fernanda Santos Mendes Andrade

História da piracema

Uma história interessante sobre a piracema
Entre outubro e janeiro ela vira tema
Na reprodução ela dá proteção!
A pesca é proibida para manutenção
Cai dentro dessa onda da preservação!

Coloque na sua mente a conscientização!
Esse período é importante pra preservação!
O peixe que você come na piracema pode virar um milhão!

Se esforça um pouquinho pela população
A piracema é importante e está à toa não!
Se você pescar pintado vai dar confusão!
Pode levar a uma multa ou até ir pra prisão!
Tainara Vitória dos Santos



Mas quem não gosta de ouvir lendas e histórias fantásticas? Desde sempre esse gênero textual encanta as crianças. A turma assistiu a um vídeo que apresentava ribeirinhos, pescadores e historiadores locais. Em seguida, fez um passeio muito bacana para aprofundar a pesquisa. Os alunos encontraram um dos moradores do bairro, o professor Vanderlei, que entre tantas coisas falou da lenda do Minhocão.



Agora, leia bem devagarinho para não se assustar... De acordo com a lenda, o Minhocão é um místico que aterroriza os pescadores durante a noite.

O Minhocão é uma lenda comum do rio Vermelho que conta a história de um jovem que pegou o barco do seu pai e foi às margens do rio Vermelho para pescar. Ao chegar lá ficou até à noite a espera de algum peixe. E ao anoitecer ele olhou ao seu redor e sentiu que estava sendo vigiado. De repente ele sentiu um frio no estômago que o arrepiou completamente. Quando olhou para trás viu um espírito incomum que olhou nos seus olhos e desapareceu. No dia seguinte o pescador ficou pensando naquele espírito, e ao entardecer ele já tinha pescado mais de quinze peixes pintados. Então ele parou e pensou: “Será que foi aquele espírito que me deu tanta sorte? Vou fazer um pedido para ele essa noite.”

E assim aconteceu. Ao anoitecer ele esperou aquele espírito, e quando ele apareceu o jovem foi logo falando ao espírito.
– Foi você que me deu tanta sorte. Não foi?

O espírito sussurrando respondeu:

- Sim, fui eu.
- Então posso fazer um pedido? – perguntou o jovem menino.
- Sim, mas quero algo em troca, certo? – respondeu.
- O meu pedido é que me transforme no pescador mais bem-sucedido do rio Vermelho. Pode ser?
- Sim, mas será temporário. E em troca você obterá minha forma.

E assim o jovem foi o pescador mais bem-sucedido entre os pescadores do rio Vermelho. Mas tinha chegado a vez de o espírito concluir seu pedido.

O jovem não sabia que o espírito era do Minhocão e na lua cheia ele se transformou. Dizem que ele fica vagando sozinho, procurando algum pescador para ajudá-lo, mas todos fogem por medo. Sem saber que na verdade o Minhocão é o jovem pescador.

Tainara Vitória dos Santos

Assim fomos construindo nossas camadas de histórias. A oralidade é um recurso que os antigos contadores utilizavam ao percorrer léguas ouvindo e depois recontando. O Wisley e a Kemilly voltam ao tema da piracema de modo poético. A palavra vem do tupi, Pira (peixe) e Cema (subida). Nesse esforço de vida, os peixes vencem correntezas para que possam se multiplicar em muitos. É preciso aprender para respeitar a natureza, nosso maior patrimônio. Que todas as formas de vida possam sempre ter seu lugar para existir.

Os peixes e o rio Vermelho

Vou cuidar de mais de um bilhão de peixes por aí
Pra te ver reproduzir, eu posso colorir a piracema
de outra cor.
Eu só quero te cuidar e quando envelhecer
Eu quero ver você nadando do meu lado.
Irei falar mais de um milhão de coisas sobre a piracema.
Porque piracema é vida deixando descendência
De filhotes, de amor e cuidado
Subindo rio acima para seus ovos liberar
E milhões de peixes no rio Vermelho deixar
Para após a piracema o pescador poder pescar
Eu jamais irei pescar em dias de piracema
Isso não é legal, pois pode destruir a vida dos animais.
Eu sempre irei cuidar, jamais abandonar a vida animal
Da terra, da água ou do ar.

Wisley Gabriel Rodrigues da Costa



Pesquisando os rios, a natureza se revela
Imponentes peixes, emigração silenciosa
Rio tá dentro, a jornada se inicia
Aventura natural a subida dos peixes
Correnteza vencer a vida prossegue
Energia na água,
Migração épica a Piracema se inicia
A reprodução o ciclo da vida.

Kemilly Vitória dos Santos Silva

CASARIO

EMEB ODORICO LEOCÁDIO DA ROSA

Professoras Marinalva Lemes do Espírito Santo e Juliana Ferreira e Ferreira Borges

Turma 6º ano E

Imagine casinhas pequenas, acolhedoras, juntinhas umas das outras. O que não guardam de recordações? Agora pense num dia cheio de sol, em que a turma da Escola Odorico Leocádio da Costa tirou muitas fotografias e pôde conhecer ainda mais a história dessas construções.

Esse conjunto de vinte e quatro casas geminadas, conhecidas como Casario, é onde fica a sede da Secretaria Municipal de Cultura, além da Associação dos Artesãos Pogube. Além disso, ele reúne um espaço sociocultural e de lazer, onde lojinhas de artesanato, bares, música e famílias se encontram. No passado foi ali que o povoado começou a surgir. A primeira casinha construída em 1930 era do balseiro do povoado, Inácio Pereira, e tempos depois foi vendida para Moisés Cury, um dos principais comerciantes locais.

A casinha era de adobe. Terra e água moldadas pelas mãos do povo daqui.

Antigamente o lugar, que fica perto do rio Vermelho, era passagem de imigrantes, viajantes e aventureiros. Sim, ali era pouso de quem ia atrás dos diamantes das regiões de Guiratinga e Poxoréu.

Nesse movimento todo, teve quem passasse por aqui sem nunca mais retornar, e teve quem ficou para construir nossa história. Afinal, a vida é sempre assim, tem quem passa e quem escolhe ficar. E vocês, como planejam atravessar pela vida? Talvez como poetas, como o João Guilherme e o José Leandro. A poesia permite ampliar as histórias, moldá-las com o adobe do encanto e ser teto, cobertor, chão e alimento para qualquer dia das nossas existências.

O Casario

O Casario, um lugar onde começou tudo a nossa cidade, nossas origens, um lugar que começou às margens de um rio. O Casario é um lugar cheio de culturas e de significados fundado por marechal Rondon.

O Casario foi o lar de muitas pessoas que se foram ou ainda estão entre nós.

João Guilherme Alflen Ferreira Batista

Nosso Casario
Um amontoado de casas
Localizado perto de um rio
Nosso Casario
Famoso na cidade
Uma grande propriedade
Não importa sua idade
Casas pequenininhas
Que hoje são lojinhas
E esse é o fim da historinha!
José Leandro Jubelle Pardim

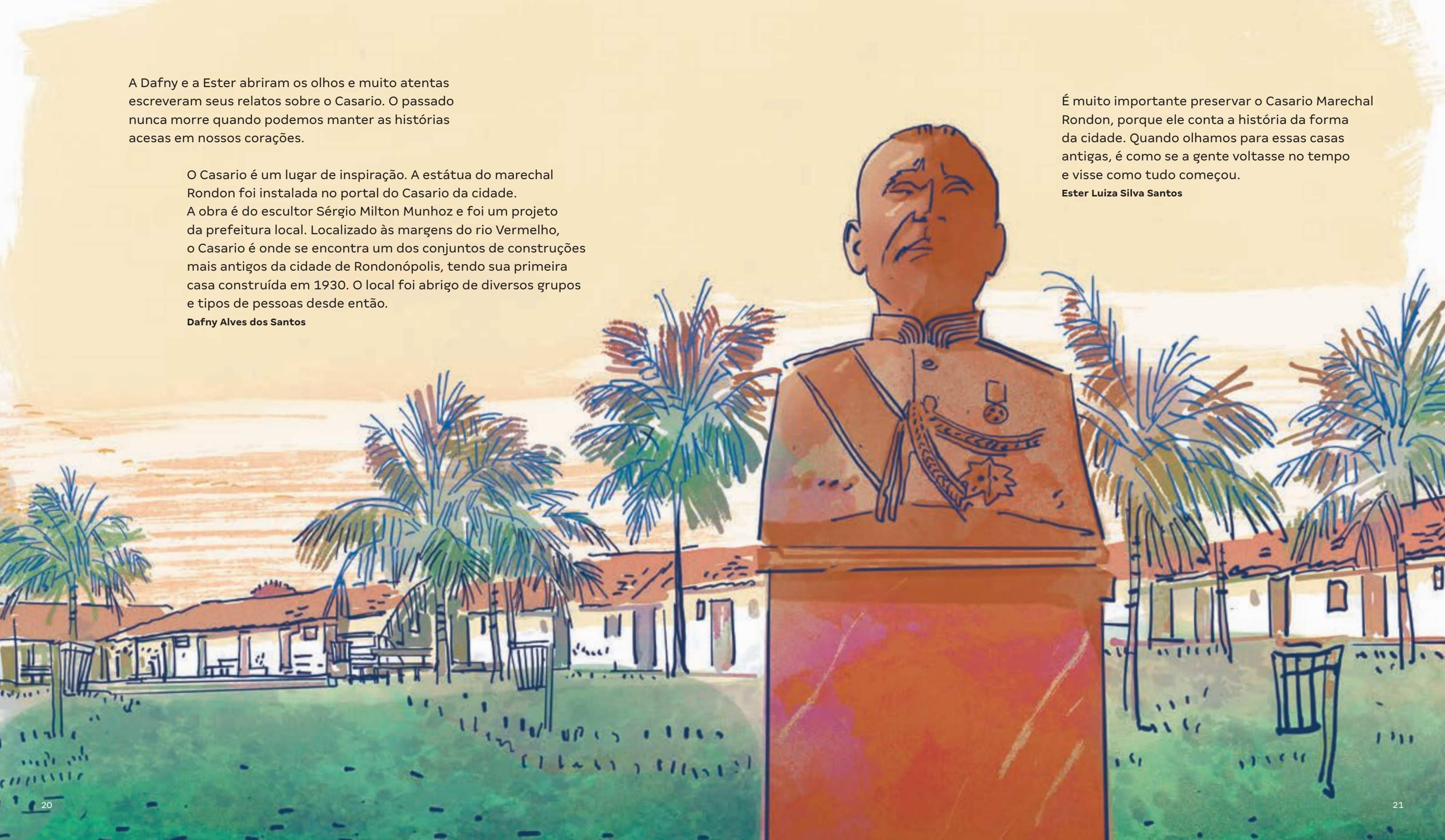
A Dafny e a Ester abriram os olhos e muito atentas escreveram seus relatos sobre o Casario. O passado nunca morre quando podemos manter as histórias acesas em nossos corações.

O Casario é um lugar de inspiração. A estátua do marechal Rondon foi instalada no portal do Casario da cidade. A obra é do escultor Sérgio Milton Munhoz e foi um projeto da prefeitura local. Localizado às margens do rio Vermelho, o Casario é onde se encontra um dos conjuntos de construções mais antigos da cidade de Rondonópolis, tendo sua primeira casa construída em 1930. O local foi abrigo de diversos grupos e tipos de pessoas desde então.

Dafny Alves dos Santos

É muito importante preservar o Casario Marechal Rondon, porque ele conta a história da forma da cidade. Quando olhamos para essas casas antigas, é como se a gente voltasse no tempo e visse como tudo começou.

Ester Luiza Silva Santos



IGREJA MATRIZ

EMEB ODORICO LEOCÁDIO DA ROSA
Professor Adilson Alves Ferreira
Turma 6º ano B

No mês de junho a comunidade se enfeita de fitas, cores e muita fé no Sagrado Coração de Jesus, onde está nossa Igreja Matriz, erguida bem na praça central da cidade. A história da edificação se iniciou com um grupo de missionários franciscanos nos anos 1960, quando dom Vunibaldo Tauller abençoou a pedra fundamental da igreja, que futuramente foi elevada à condição de paróquia.

A criação da Paróquia Sagrado Coração de Jesus

A Paróquia Sagrado Coração de Jesus foi criada através do decreto n. 02, no dia 16 de julho de 1959, pelo bispo dom Vunibaldo. O primeiro pároco nomeado foi o franciscano frei Antonio Schuwenger, que tomou posse no dia 19 de julho do mesmo ano.

O Sagrado Coração de Jesus é mais que uma devoção é uma espiritualidade. É a espiritualidade da ternura, do coração, é a mística do afeto. É reconhecer que Deus é mais pai, Ele é pai e mãe e tem um colo para nós.

Maria Luiza Nunes Peixoto

Conta a Bíblia que o Menino Jesus, bem pobrezinho, veio ao mundo em um estábulo e seu bercinho foi a palha dos animais. Nos primórdios da nossa cidade e pela condição daquela época o local da igreja não guarnecia de luxo, o que na verdade nos aproxima mais da simplicidade de uma pequena família vinda da antiga Palestina bíblica e que trouxe ao mundo uma criança que levou uma mensagem de amor ao mundo em seu coração.

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Rondonópolis foi erguida pelo bispo dom Vunilbaldo em 1960 e a paróquia foi criada em 1959. A construção da igreja foi iniciada com tijolos e durante esse processo o bispo rezava em um rancho de folhas de palmeiras. Atualmente a paróquia está localizada em Rondonópolis e é um local de culto ao Sagrado Coração de Jesus.

Felipe Lima da Silva e Nicolly Amélia Borges Rodrigues

Com seus vitrais coloridos, telhado inclinado e altas vigas de madeira de origem alemã, a igreja acompanhou a história de muitas pessoas. Uma delas foi o Severino, que gentilmente conversou com os alunos. A experiência desse encontro gerou um poema coletivo, que poderíamos chamar de regionalista, como o clássico “Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto. Saber escrever no gênero regional é falar de nós mesmos de modo universal. Severinos somos todos nós.



Severino, homem de fé

Severino Marques de Souza, um nome a se honrar,
Filho de Queimadas, no solo paraibano a brotar.
Nasceu em agosto de mil novecentos e trinta e cinco,
Coração valente, alma simples, olhar distinto.
Migrou rumo ao centro, ao longe, ao sertão mato-grossense,
Desde mil novecentos e sessenta, traçou destino denso.
Ali fez morada, com coragem e esperança,
Fez do chão estranho solo de bonança.
Ao lado de Iraci, companheira fiel,
Ergueu sua família sob bênção do céu.
Seis filhos floresceram de seu amor e labor,
Frutos de uma vida com fé e valor.
Foi militar — farda e honra no peito,
Depois borracheiro, com ofício perfeito.
Mãos que consertavam, que firmes moldavam,
Rodas do mundo que os caminhos traçavam.
Mas foi na igreja, em missão tão sagrada,
Que Severino fez da fé sua estrada.
Na Paróquia Matriz, por seis décadas e mais,
Fez-se servo de Deus, em gestos e sinais.
Evangelizou com o exemplo, no silêncio e ação,
Transformando vidas com o bem em sua mão.
Um farol discreto, luz que não se apaga,
Na lida diária, sua alma não se esmaga.
Homem de oração, de serviço, de amor,
Deixou no tempo o perfume de uma flor.
Severino, espelho de vida tão bela,
Na história da fé, uma eterna decolores.

Produção coletiva

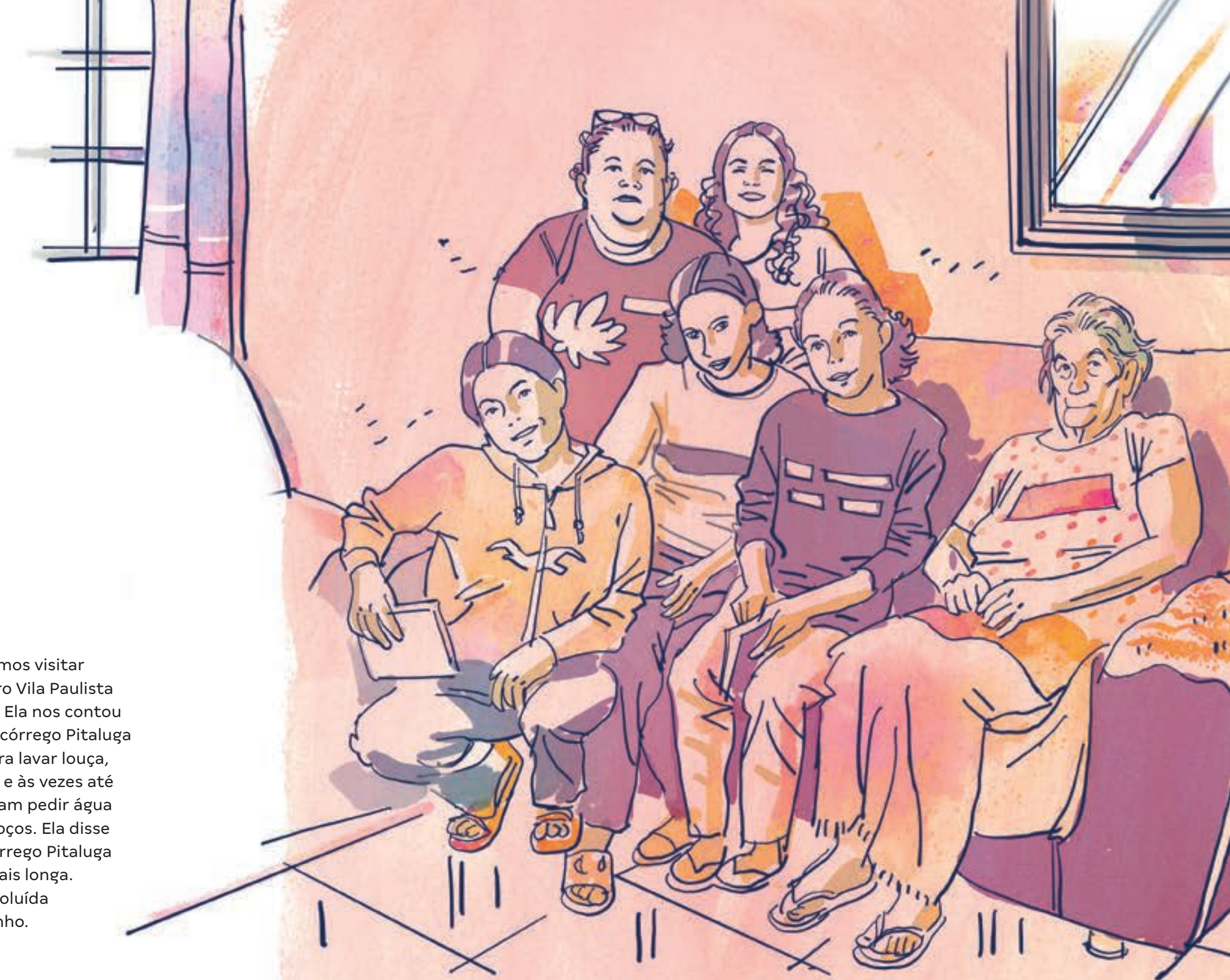


VILA PAULISTA

EMEF VILA PAULISTA MARIA URSULINA DE MIRANDA
Professoras Maria Aparecida Porto e Maria Irenice da Silva
Turma 6º ano B

O bairro Vila Paulista é um dos mais antigos da nossa cidade, e seu nome se deve aos migrantes que chegaram por aqui em caravanas. As professoras propuseram para a turma uma pesquisa de campo, e, afinal, nada melhor do que realmente conhecer um lugar e sentir suas histórias, como um jornalista! A turma fez uma entrevista com uma antiga moradora, a dona Nair. O que será que descobriram?

No dia 8 de agosto de 2025 fomos visitar a dona Nair, moradora do bairro Vila Paulista há aproximadamente 47 anos. Ela nos contou que quando veio morar aqui o córrego Pitaluga era usado pelos moradores para lavar louça, roupas, se banhar, lavar a casa e às vezes até beber sua água; às vezes eles iam pedir água para os vizinhos que tinham poços. Ela disse que antigamente a água do córrego Pitaluga era limpa e sua margem era mais longa. E que hoje a água está suja e poluída sem condições para tomar banho.
Produção coletiva



A água é um bem coletivo e inestimável patrimônio. Não podemos viver sem água, e o que impressionou a turma foi a constatação de que, apesar de tantos avanços tecnológicos, precisamos cuidar das mais simples ações para não poluir o meio ambiente.

O córrego Pitaluga foi muito importante para o surgimento do povoado Vila Paulista, próximo a ele era possível as pessoas construírem suas moradias para enfrentar a falta de recursos devido à distância da cidade.

Com as águas do córrego foi possível construir casas bem modestas.

No início da Vila Paulista as casas eram construídas com um tipo de tijolo de barro, conhecido como adobe. Por isso, as águas do córrego foram importantes mesmo numa construção que era casa simples, pequena, geralmente coberta de palha e posteriormente com telhas de barro. Atualmente existem poucas casas construídas com adobe, mas uma ainda resiste ao tempo e mantém sua origem na Vila Paulista.

A Vila Paulista ainda é muito pequena e sossegada, principalmente para pessoas idosas que aqui vivem há muitos anos e mantêm um convívio familiar tranquilo.

Ana Clara Nunes Oliveira

A turma se dedicou mesmo. Até a leitura do TCC de um funcionário da escola, o Adevaldo Avelino Costa, foi usada como fonte de pesquisa sobre o bairro. É isso mesmo, uma pesquisa leva a outra, e assim por diante. É como construir uma casa: a gente nunca para de aperfeiçoar, de mudar, de trazer outras matérias, e também de preservar o que é histórico, para que nada caia no esquecimento.

A Vila Paulista era uma área rural que existia antes da emancipação do município, casas que contam histórias, mesmo depois de derrubadas e reconstruídas com materiais mais modernos. Nossa escola fica nesse bairro, o passado se une ao presente e agora são os alunos, como o Vinícius, que escreve também mais um capítulo da Vila Paulista.

Casas antigas

Antigamente, no Brasil, não havia materiais de construção, principalmente em lugares distantes das grandes cidades, como a Vila Paulista. Muitas casas ficavam perto dos rios, já que facilitava coisas do dia a dia, como lavar roupa, tomar banho, a água para beber e cozinhar.

As casas na Vila Paulista eram feitas de adobe, e são elas que forneciam proteção contra animais e clima. Fechadas, essas casas forneciam proteção contra os perigos da natureza.

Com o tempo, o modelo de casa foi esquecido. A cada ano, a tecnologia aumentava e chegaram novos recursos para a construção. Assim, a cada ano apareciam mais casas de cimento, depois o asfalto, o encanamento etc. Depois de anos, ainda existem algumas casas de adobe, mas muitas estão abandonadas e algumas foram demolidas. Essas casas ficaram para a história.

Vinicius Chaveiro Alves Vilarinho

MUSEU ROSA BORORO

EMEF BONIFÁCIO SACHETTI

Professores Edson de Barros Santos e Thailany dos Santos Rosa

Turma 6º ano C

Mas quando a gente fabula usando a imaginação também é muito divertido. O prédio do Museu Rosa Bororo já foi Prefeitura e Câmara Municipal, e seu nome é em homenagem a Cibáe Modojobádo, mulher indígena que foi batizada como Rosa Bororo. Os alunos fizeram pesquisas em fontes documentais, conheceram o Djalma Santos, atual coordenador do museu que os levou para visitar o acervo, e também ouviram muitas histórias da Cláudia Machado, antiga coordenadora do museu. Muito comunicativa, a Cláudia virou personagem dos contos fantásticos da turma, olha que legal.



O museu e seus segredos

Era uma noite sombria, às onze da noite, quando Cláudia estava se preparando para ir para casa. Estava trancando as portas do museu, mas ouviu um barulho, um ruído lá de cima. Foi checar o que estava acontecendo. Quando chegou para averiguar, não viu nada. Então desceu poucos degraus, foi quando viu os livros se mexendo, os ossos dos dinossauros também se mexiam.

Ela não estava entendendo nada do que estava acontecendo, ficou apavorada. Foi em direção à porta para ir embora, quando percebeu que tinha perdido suas chaves. Ficou desesperada e começou a bater nas portas para tentar abrir, mas não conseguiu. Então lembrou que tinha uma passagem para sair. Começou a se mexer tentando não fazer barulho. Conseguiu escapar, e nunca mais voltou ao Museu Rosa Bororo.

Aylla Beatriz Xavier dos Santos Machado, Kemilly Isabelle Vieira Alencar, Murilo Salvador Neto Friedrich Barro, Sthela Atunaia Santana de Jesus, Tessalha Souza de Moraes e Yasmin Emanuely Santos Silva

A roupa amaldiçoada

Em um belo dia, uma bela moça foi visitar o Museu Rosa Bororo. Estava visitando todas as partes do museu quando achou uma sala que tinha a roupa do José Sobrinho. Perguntou a Cláudia, responsável pelo museu, sobre a roupa. Perguntou se podia colocá-la, Cláudia a alertou, explicou que todos aqueles que a vestiam se sentiam mal por alguma razão. Vanessa não se importou, colocou a roupa mesmo assim, tirou fotos e postou nas redes sociais. Ela terminou todo o passeio com a roupa do José Sobrinho. Por fim a tirou e devolveu, e foi embora. Estava com uma energia negativa, mas não ligou. Quando saiu, percebeu que o dia lindo estava fechado, dando sinais de tempestade. Um pouco assombrada foi embora na hora.

Agatha Fernandes Ferreira Souza, Ana Luiza Sousa Carmo, Anny Caroline Prates Vieira, Clara Vieira da Silva, Yasmim Caroline Oliveira da Silva e Selena Lopes Lima



José Sobrinho era um libanês que veio para Rondonópolis em 1953, seu nome era José Youssef Merhi. A comunidade libanesa no Brasil é grandiosa e muito contribuiu na formação do nosso país. José Sobrinho era apaixonado por nossa cidade, foi agricultor, comerciante, pecuarista e imobiliário, e na sua casa ele também tinha um pequeno museu, com recortes de jornais, fotografias e parte da nossa história.

Madrugada no museu

No museu uma mulher chamada Cláudia foi contratada para ser curadora. Nas primeiras semanas Cláudia se assustava a todo momento com o manequim que vestia a roupa do José Sobrinho. E assim foram os dias. Em uma noite, Cláudia estava se preparando para ir para casa quando escutou uma voz vinda da cozinha dizendo:

– Vem!

Quando Cláudia foi até a cozinha ver o que seria ou de onde viria aquela voz, ela viu uma sombra. Com isso ela tomou um tremendo susto e desmaiou. Estava amanhecendo, foi nesse momento que Cláudia começou a despertar, meio confusa, atordoada... foi quando se deu conta e se lembrou de tudo que havia acontecido na noite anterior. Preocupada e com medo, Cláudia pegou suas chaves e foi para casa, e nunca mais voltou

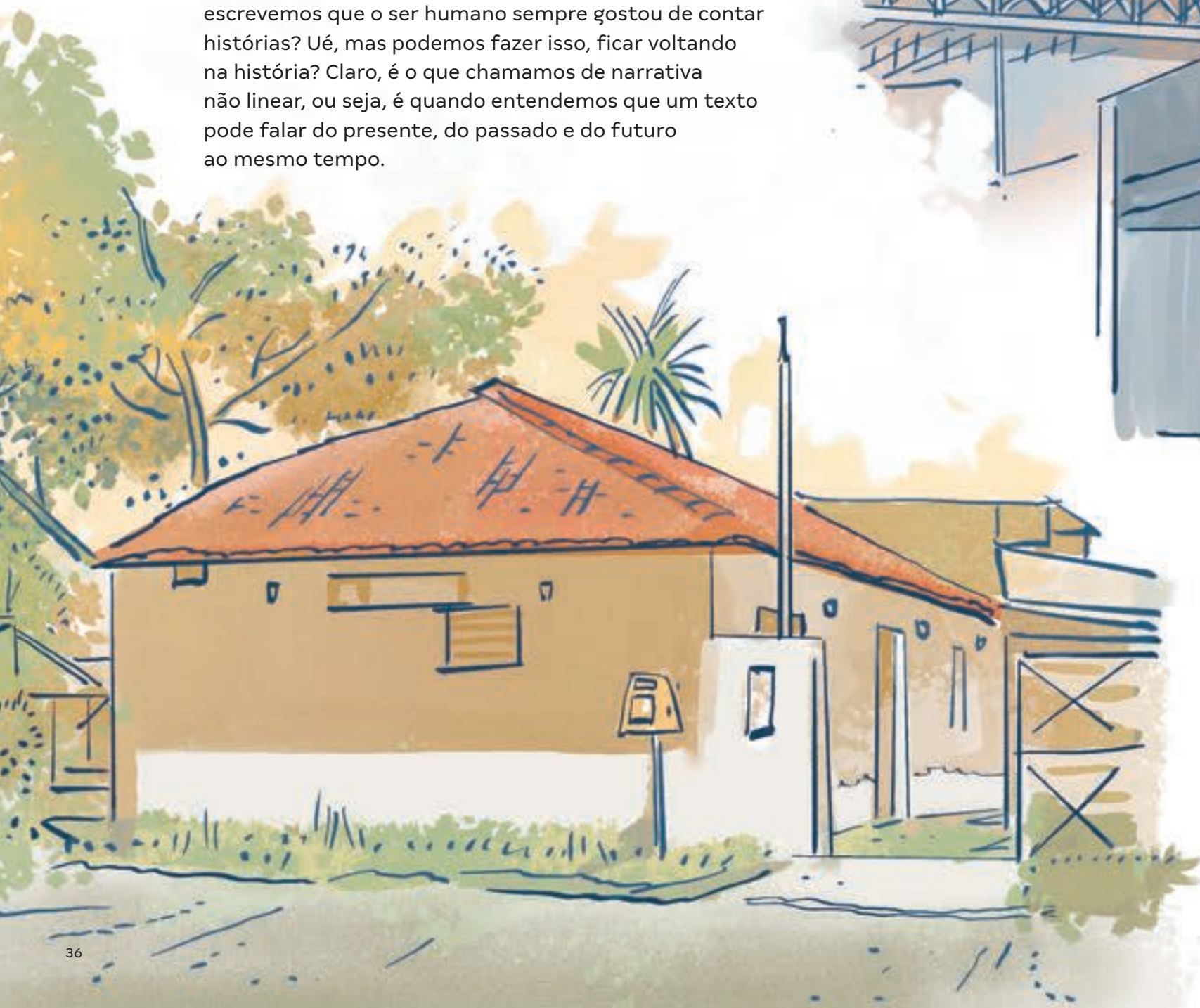
Isadora Moura da Silva

E pensar que tudo começou quando os professores lançaram a pergunta: “E se o filme *Uma noite no museu* acontecesse aqui, como seria? A realidade fantástica que a turma produziu certamente daria outro filme, dessa vez em Rondonópolis.

CORREIO VELHO

EMEB ODORICO LEOCÁDIO DA ROSA
Professora Cynthia Vitoria Souza Alves
Turma 6º ano C

Vamos voltar ao início do nosso livro, quando escrevemos que o ser humano sempre gostou de contar histórias? Ué, mas podemos fazer isso, ficar voltando na história? Claro, é o que chamamos de narrativa não linear, ou seja, é quando entendemos que um texto pode falar do presente, do passado e do futuro ao mesmo tempo.



Os alunos da professora Cynthia conheceram um prédio muito importante da nossa cidade, o Correio Velho, que hoje infelizmente sofre de esquecimento. O prédio tem memória para ficar esquecido? Sim, os lugares contam histórias! Os Correios de Rondonópolis foram fundados em 1924; a primeira carta enviada do rio Vermelho levou uma semana e meia para chegar, pois foi um caminho de canoa pelo rio Cuiabá e depois no lombo de um jumento. Isso tudo impressionou muito os alunos, pois eles não imaginavam que um correio servisse para realizar essa ponte de comunicação. Em tempos de celular, geralmente quem ainda escreve cartas?

O próprio marechal Rondon realizou suas expedições telegráficas, no século passado, no intuito de aproximar as pessoas em cidades distantes. E os alunos que pesquisaram o Correio Velho resolveram que poderiam unir passado e presente, e escreveram várias cartas.

Olá, aqui é a aluna Jamilly da Sala 6º C, é um prazer refazer esse momento do correio, e queria continuar com esse prazer, pensei se posso continuar mandando cartas, encomendas, presentes etc.

Jamilly Oliveira da Silva

SOS aos Correios

Quando a turma do 6º ano C realizou um passeio até o prédio que abrigava o correio, tivemos uma ideia: e se a prefeitura reformasse o prédio do correio, ele voltasse a funcionar e toda a história que se passou lá pudesse ser vivida novamente?

Rute Fernandes da Costa

Peço que reformem o Correio Velho, por favor.

Existem pessoas que moram longe demais e não têm condições de adquirir um dispositivo para enviar mensagens, por isso precisam do correio.

Obrigada pela atenção.

Emily Vitória Almeida Freitas

Ao realizar o passeio e visitar a antiga sede dos Correios, a turma teve a dimensão da importância desse serviço público e que não podemos abandonar um prédio tão importante para nossa cidade. Quem sabe nosso Correio Velho ainda possa ser tombado em um lindo Memorial?

PRAÇA DO PÔR DO SOL

EMEF BONIFÁCIO SACHETTI

Professores Edson de Barros Santos e Thailany dos Santos Rosa

Turma 6º ano D

Hoje boa parte do nosso lazer está restrita a condomínios, shoppings e telas, e perdemos um pouco da relação com os lugares públicos, as ruas. A importância das praças e das ruas para as brincadeiras das crianças é fundamental. Uma rua guarda memórias do tempo vivido. Suas marcas, ainda que apagadas, continuam ali, como camadas soterradas de lembranças. E que felicidade é podermos ter uma praça para sonhar...

Com este nome tão poético, a Praça do Pôr do Sol fica pertinho da Escola Bonifácio Sachetti, e a professora Thailany reuniu os alunos e foram fazer uma entrevista com os responsáveis por idealizar esse espaço de convivência, entre eles o arquiteto Ralf Moura. O ofício de um arquiteto envolve a construção de espaços onde vários elementos coabitam de forma harmônica e funcional.

E sabe o que a turma fez depois dessa conversa esclarecedora? Fanfics incríveis e até uma receita poética de praça. Escrever é também ser um pouco arquiteto das palavras.



Receita da Praça

INGREDIENTES:

1 espaço disponível para criar histórias
50 toneladas de cimento (feitos)
1 engenheiro cheio de criatividade
2 caminhões de pedra
1 pitada de vontade de fazer a diferença
100 quadrados de borracha
1 xícara de encanto

PARA DIVERTIR CRIANÇAS:

5 mangueiras em um espaço para formar um chafariz
Brinquedos de parquinho (escorregador, balanço)
200 pedaços de grama verdinha
1 pôr do sol magnífico

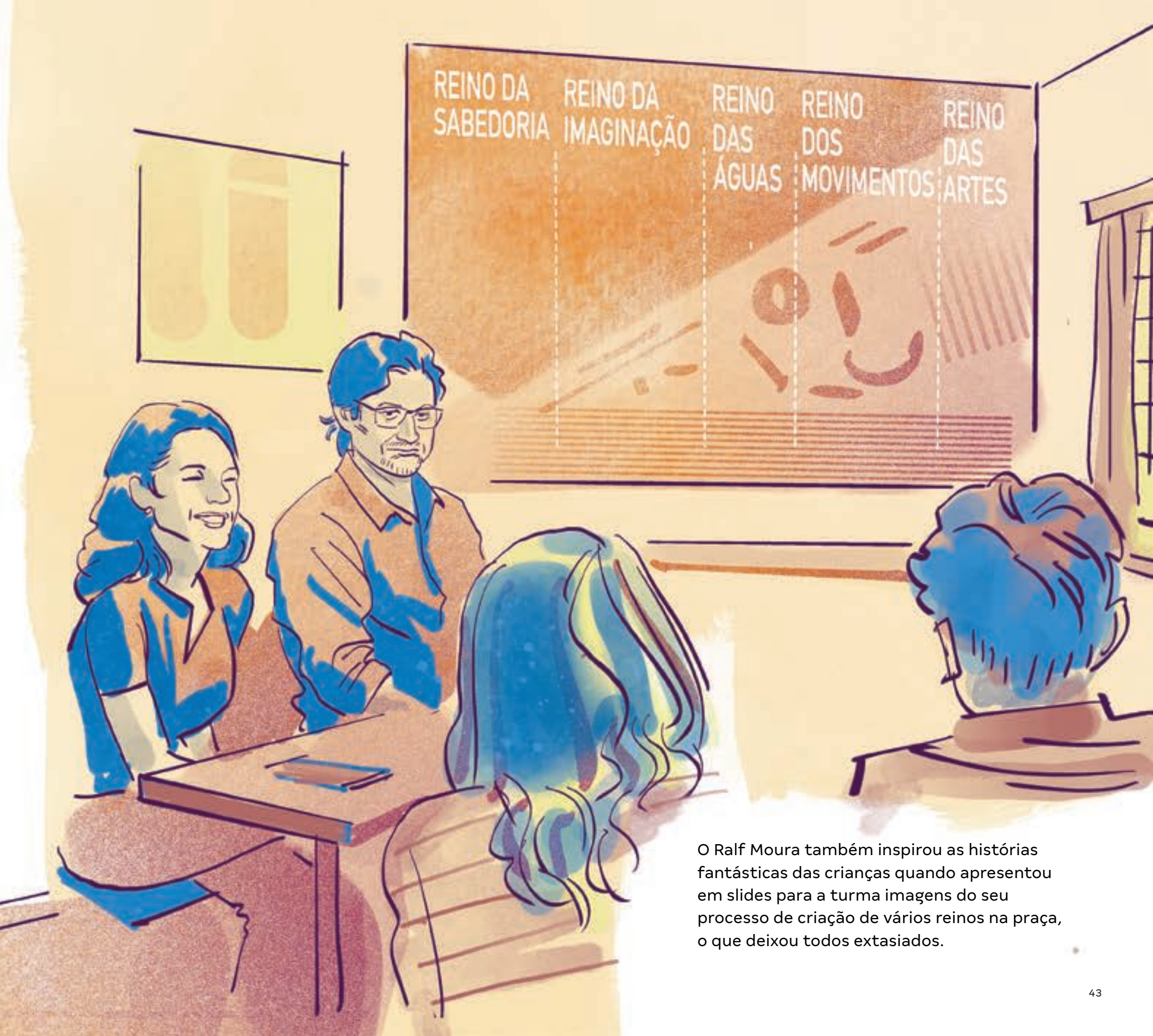
UTENSÍLIOS:

7 caminhões de cimento
2 caminhões de pedra

MODO DE PREPARO:

Colocar os caminhões de cimento em posição para fazer o piso. Em seguida, colocar as pedras de chão em cima do cimento, depois colocar os pisos no espaço dos parquinhos e por fim os brinquedos. Em seguida, colocar a grama verdinha e o chafariz. Construir uma quadra maravilhosa, um espaço para caminhada e bancos para curtir o pôr do sol.

Enzo Gabriel Camilo de Sousa, Gabriel Moreira Barros, Leonardo de Souza Gonçalves, Piedro Henrique Chagas de Souza e Rafael José Aníbal Perdomo



O Ralf Moura também inspirou as histórias fantásticas das crianças quando apresentou em slides para a turma imagens do seu processo de criação de vários reinos na praça, o que deixou todos extasiados.

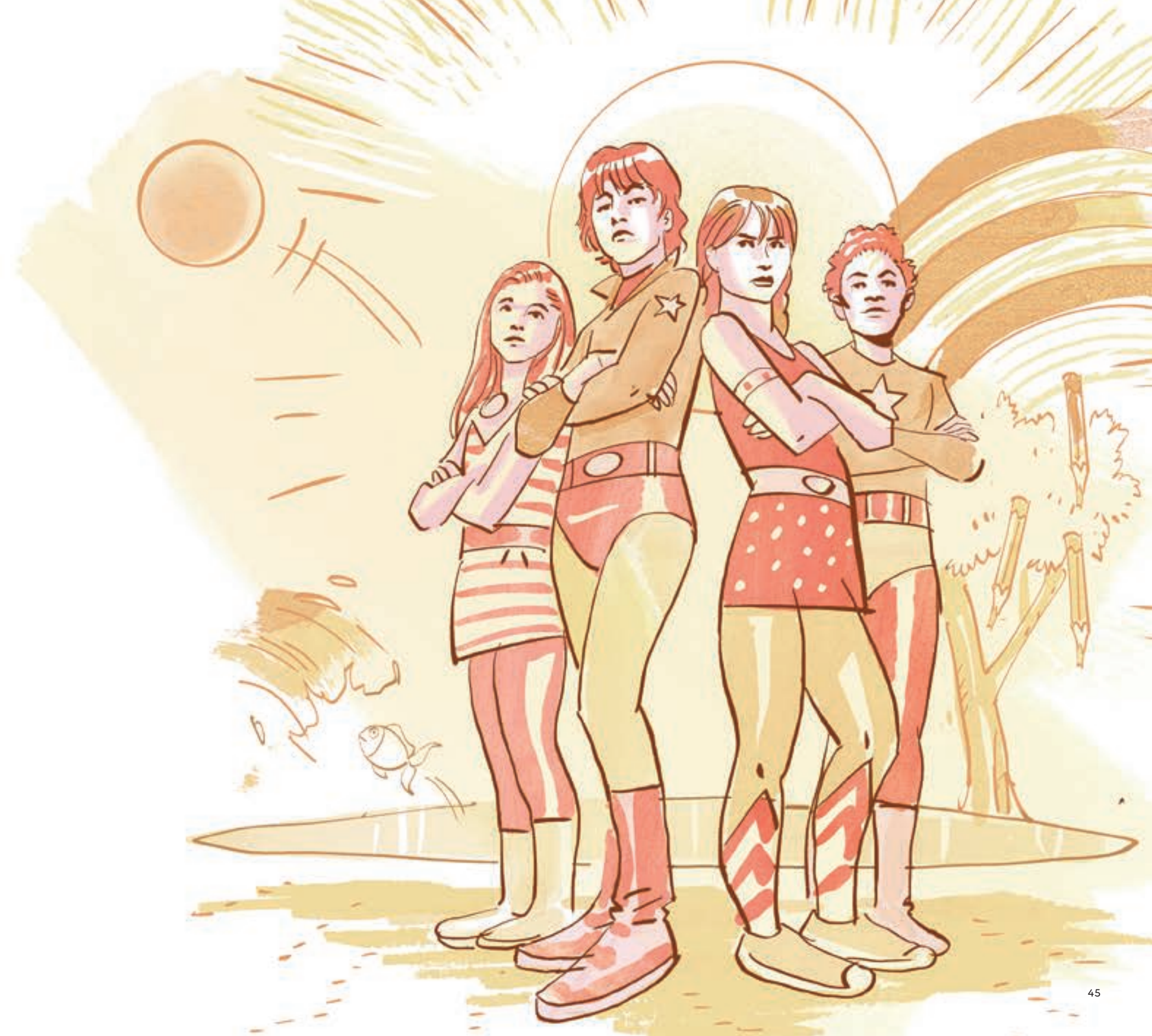
O coração da praça

Há muito tempo, em um vale escondido entre montanhas e florestas, um bondoso sábio chamado Eliandor criou um lugar mágico nomeado a Praça do Pôr do Sol, e que dava uma bela vista ao pôr do sol. Com sua grande sabedoria e imaginação, ele deu vida a quatro reinos, e cada um com a própria essência e alegria.

O reino da brincadeira era um mundo cheio de risadas, balanços que voavam, escorregadores feitos de arco-íris e brinquedos que falavam. Já o reino aquático era formado por lagos que cantavam, peixes saltitantes e fontes mágicas, com águas que curavam qualquer tristeza. O reino esportivo vibrava com a energia, onde bolas corriam sozinhas, campos se transformavam em segundos, e desafios justos e com lealdade eram celebrados com fogos de luz. Por fim, o reino da criatividade, onde árvores davam lápis de cor, os ventos cantavam histórias, e tudo que fosse imaginado tinha uma forma.

Para proteger esses reinos, Eliandor convocou quatro guardiões: Lira, a guerreira da alegria; Tarem, o guardião das águas; Sally, defensor dos esportes; e Nima, a sábia artística da criação. Juntos eles mantinham a paz e o equilíbrio da Praça do Pôr do Sol.

Heloísa Vitória Silva Dourado, Isabelly Pereira Rodrigues, Júlia Lima Batista, Rafaella Amorim Marangão e Sofia Mikuska



PRAÇA DOS CARREIROS

EMEB ODORICO LEOCÁDIO DA ROSA
Professor Márcio Cândido de Oliveira
Turma 6º ano A

Que beleza continuarmos o percurso pelas praças de Rondonópolis. A criança que existe em nós precisa das ruas e das praças. É através das brincadeiras que podemos coexistir em sociedade, e os espaços públicos são nosso bem democrático, é de todos. A Praça dos Carreiros, inaugurada em 1982, homenageia um patrimônio cultural do Brasil, os “Carreiros”, condutores dos carros de bois que desde o período colonial foram responsáveis pela expansão do território, conectando mercadorias e pessoas.

A praça tem um coreto, bancos, jardins, árvores, quiosques e a grande escultura de boi feita de madeira, que imita o carroto tradicional e impressionou os alunos. Eles nos contaram sobre a praça e essa obra histórica em seus textos. Escrever é brincar com as palavras assim como as crianças nas ruas, é fazer uso da imaginação do faz de conta, criar jogos e mundos fabulosos. E saber que mesmo ao virar adulto traremos sempre dentro de nós a parte mais querida da nossa vida.



Era uma vez uma praça... assim escreveu a Elisa,
começando a brincadeira:

Praça dos Carreiros

Era uma vez...

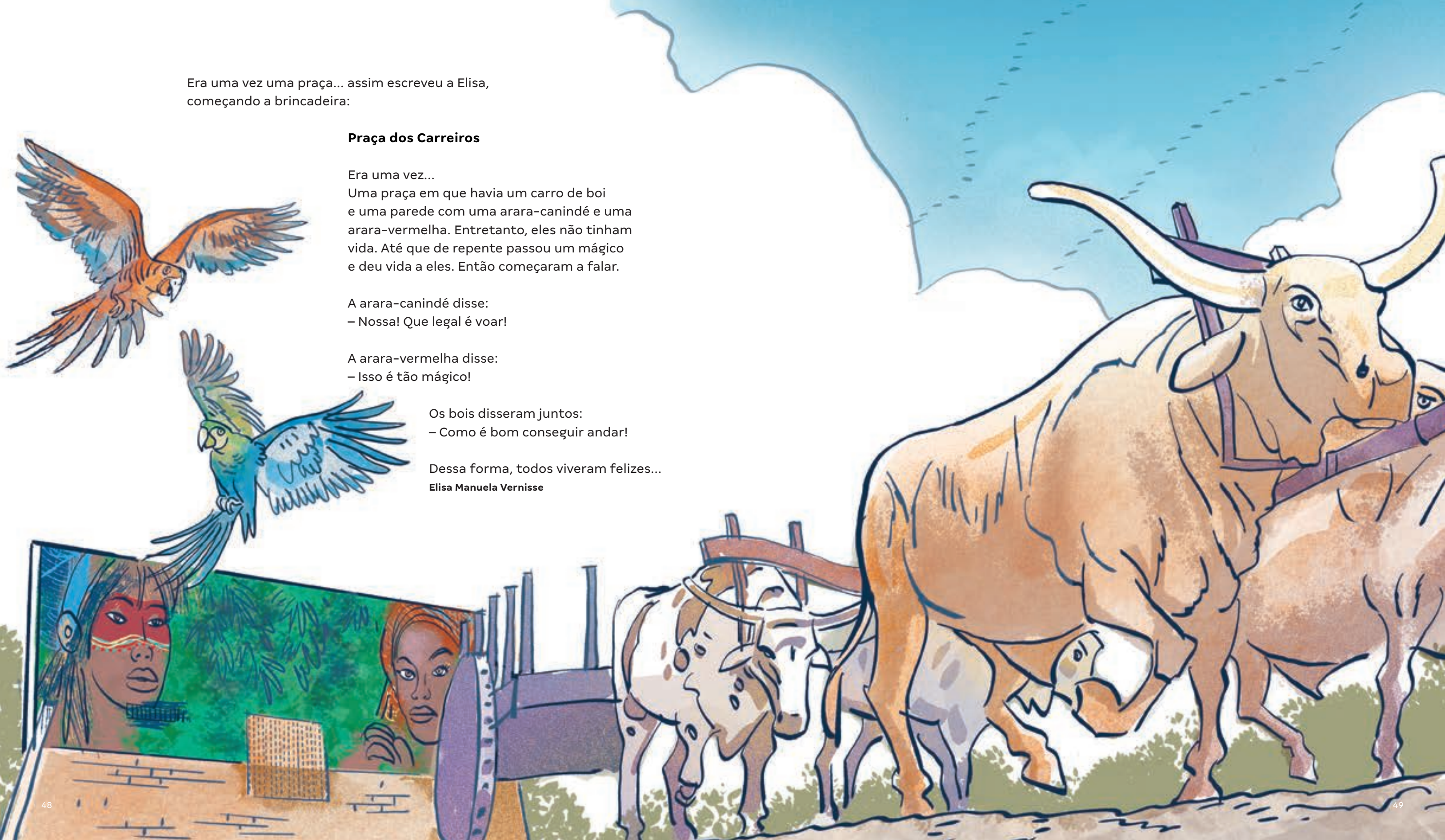
Uma praça em que havia um carro de boi
e uma parede com uma arara-canindé e uma
arara-vermelha. Entretanto, eles não tinham
vida. Até que de repente passou um mágico
e deu vida a eles. Então começaram a falar.

A arara-canindé disse:
– Nossa! Que legal é voar!

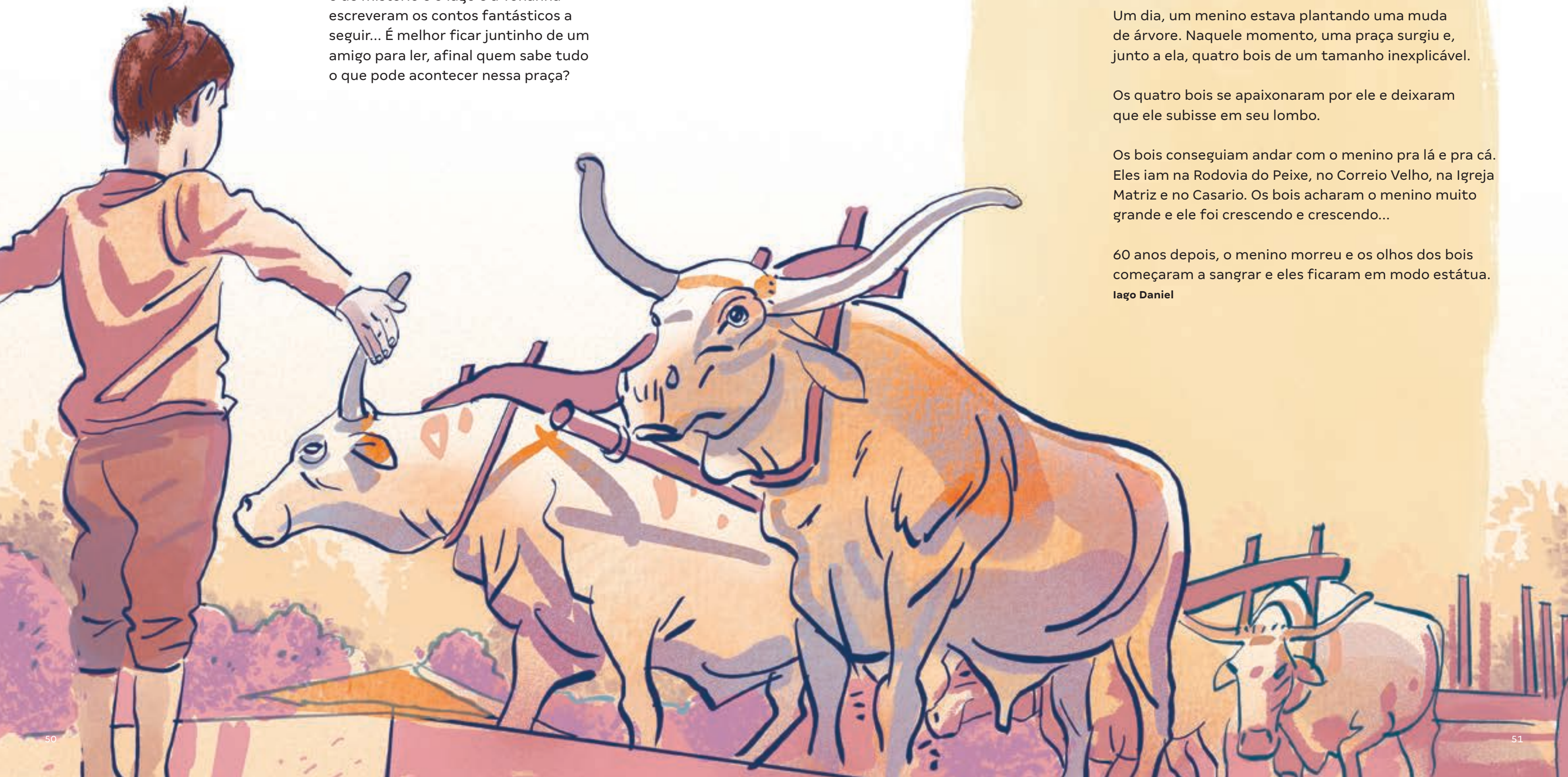
A arara-vermelha disse:
– Isso é tão mágico!

Os bois disseram juntos:
– Como é bom conseguir andar!

Dessa forma, todos viveram felizes...
Elisa Manuela Vernisse



Mas nós também gostamos de susto e de mistério e o Iago e a Yohanna escreveram os contos fantásticos a seguir... É melhor ficar juntinho de um amigo para ler, afinal quem sabe tudo o que pode acontecer nessa praça?



Os bois da Praça dos Carreiros

Um dia, um menino estava plantando uma muda de árvore. Naquele momento, uma praça surgiu e, junto a ela, quatro bois de um tamanho inexplicável.

Os quatro bois se apaixonaram por ele e deixaram que ele subisse em seu lombo.

Os bois conseguiam andar com o menino pra lá e pra cá. Eles iam na Rodovia do Peixe, no Correio Velho, na Igreja Matriz e no Casario. Os bois acharam o menino muito grande e ele foi crescendo e crescendo...

60 anos depois, o menino morreu e os olhos dos bois começaram a sangrar e eles ficaram em modo estátua.

Iago Daniel

Os bois mágicos

Um certo dia, um garoto estava passeando perto da Praça dos Carreiros. Até que ele ouve alguém lhe chamando.

Quando ele olhou para o lado e não viu ninguém, apenas a escultura da carroça sendo levada pelos bois, o garoto pensou que fosse coisa da sua cabeça. Até que ele ouviu de novo alguém lhe chamando.

Quando olhou para o lado, viu os bois falando. O garoto ficou em choque sem entender. Pensou que estava delirando. Então, os bois pediram para o menino ajudá-los.

O menino soltou os bois e subiu na carroça. Até que, do nada, os bois começaram a voar e andaram pela cidade. Todo mundo ficou em choque ao ver aquilo.

De repente, a carroça com os bois e o garoto começou a perder o controle e acabou caindo. Foi então que o garoto acordou e percebeu que tudo não passou de um sonho. Mas sempre que ele passa perto dessa praça, fica tendo alucinação.

Yohanna Amorim



RODOVIA DO PEIXE

EMEB ODORICO LEOCÁDIO DA ROSA

Professor Edson Francelino de Moraes Pereira

Turma 6º ano D

Em um dia muito agradável, a turma do professor Edson foi visitar a Rodovia do Peixe. Lá tiraram fotos, se encantaram com o relevo, as rochas e a natureza. A Laryssa disse que sentiu uma paz enorme e o José Guilherme ficou entusiasmado com os animais vistos. A rodovia tem esse nome devido ao fluxo do comércio dos peixes, como o pintado e o tambaqui, que vêm das comunidades ribeirinhas.

A formação rochosa que há ali também impressiona pela beleza. E sabiás, beija-flores, saracuras e até onças-pintadas têm seu lar nessa região. Ao voltar do passeio as crianças desenharam e fizeram um lindo mural na sala de aula. O que aliás lembra muito que a pintura e o desenho são escritos de memória. Assim faziam nossos antepassados, registrando desde as coisas mais simples até os ritos mais complexos.

Certamente aquela manhã de outono ficou para sempre na memória, e a Laryssa escreveu um belo relato. Vamos ler?

A Rodovia do Peixe

A Rodovia do Peixe (MT-471), em Rondonópolis, começou a ser construída em 2008 e foi inaugurada em 2009. Ela tem cerca de 23 km e foi criada para incentivar o turismo e preservar a natureza ao longo do rio Vermelho.

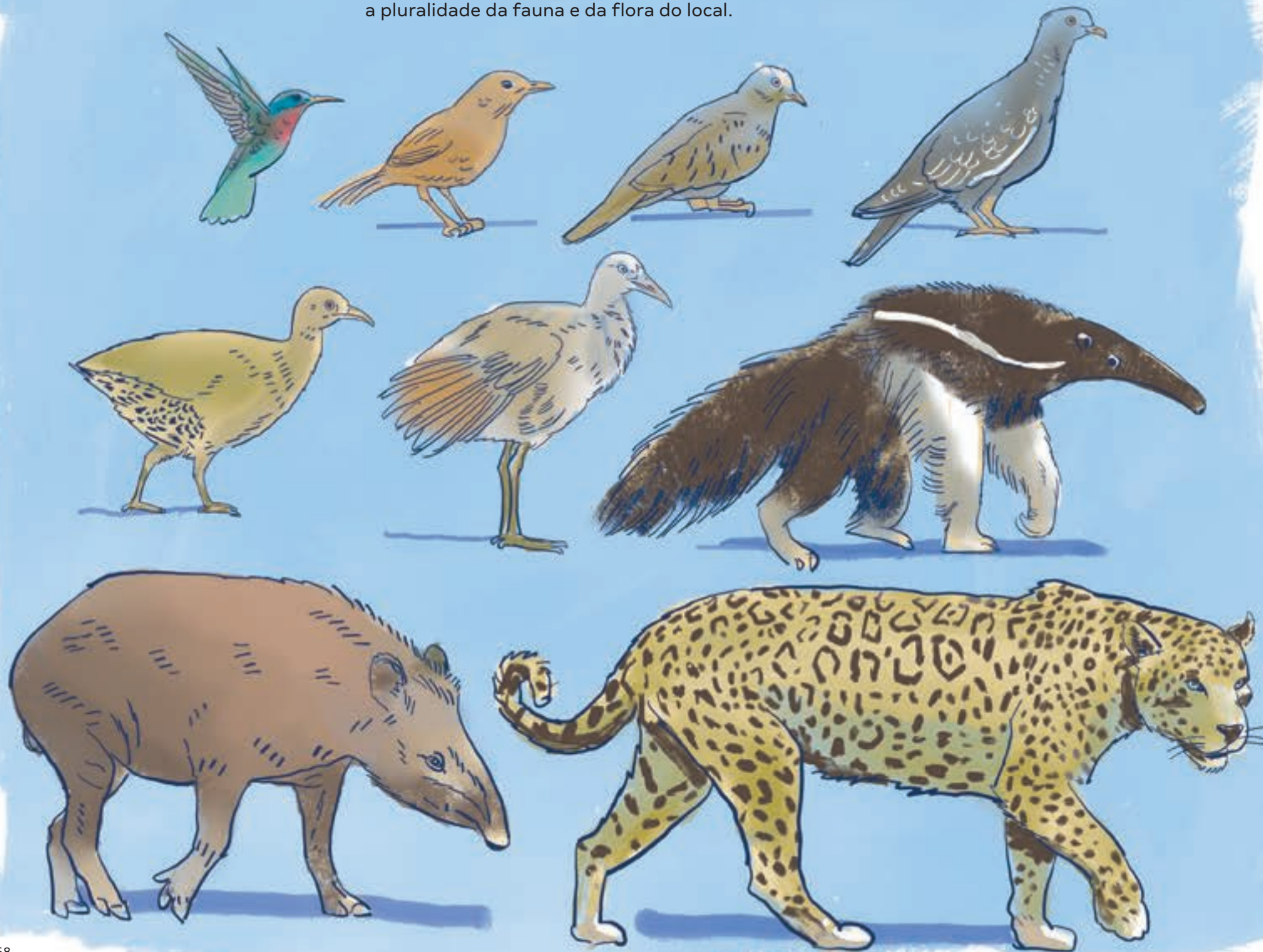
Além disso, é importante para o desenvolvimento econômico da região. Incentiva o turismo e impulsiona a economia de Rondonópolis, facilitando o acesso a áreas naturais e comunidades rurais, tudo isso com preocupação ambiental.

A Rodovia do Peixe é importante para o lazer em Rondonópolis por oferecer contato com a natureza, áreas de banho, trilhas, restaurantes e espaço para atividades ao ar livre, como ciclismo e caminhada.

Laryssa Taniguti de Carvalho



A turma do professor Edson produziu, com seu apoio, um relato coletivo que reforça a importância do cuidado com a pluralidade da fauna e da flora do local.



Pássaros de pequeno porte: como o beija-flor, o pica-pau e diversos sabiás, pomba, rolinhas, inambu-chintã, saracura. Animais do Cerrado temos tamanduá-bandeira, anta, onça-pintada, onça-preta e onça-marrom. Esses animais dependem da vegetação para a sua sobrevivência. Sendo assim, o estado é responsável por fiscalizar e todos nós igualmente, para ajudar a cuidar desse patrimônio. A biodiversidade ao longo da Rodovia do Peixe é extremamente importante para o equilíbrio ecológico da região. Muitas dessas espécies desempenham papéis cruciais na manutenção dos ecossistemas locais, como polinizadores, dispersores de sementes e controladores de populações de insetos e outros animais.

No entanto, é importante notar que a rodovia e suas proximidades também são áreas de intenso impacto ambiental, como desmatamento ilegal, caça e tráfico de animais, o que pode ameaçar muitas dessas espécies.

A rodovia, ao cortar áreas de grande importância ecológica, se torna uma via de preocupação para a preservação da biodiversidade local, o que exige esforços para conciliar o uso da estrada com a conservação da natureza.

Produção coletiva

EXPOSUL

EMEF BONIFÁCIO SACHETTI

Professores Edson de Barros Santos e Thailany dos Santos Rosa

Turma 6º ano A

Nossa cidade recebe muitos visitantes. Só o Parque de Exposições da cidade recebe, todo ano, 300 mil pessoas. Quanta gente, não é mesmo? E todos são muito bem recebidos, apreciam a tradicional cavalgada, shows e rodeios no evento da Exposul.



O atual parque foi inaugurado em 1989 e leva o nome do ex-governador Wilmar Peres de Farias. Mas nossa turma pesquisou e descobriu que antes ele ficava localizado na antiga Vila Operária e tinha o nome de Expoleste, com sua primeira edição realizada há mais de 50 anos, em 1967. Quanta história!

O Parque de Exposições fica perto da nossa escola, a Bonifácio Sachetti, e imaginamos histórias bem divertidas, como essa da vaca Lola.

A vaca Lola

A vaca Lola era muito sortuda, a mais sortuda de todas as vacas.

Quando descobriu que iria ter um concurso de beleza, o concurso “As Vacas Mais Lindas”, Lola, sabendo disso, foi conversar com sua amiga Lili, que era uma arara muito linda. As duas conversaram por horas. O nome do evento era Exposul e iria acontecer no sábado seguinte, às oito horas da noite, Lola só teria dois dias para se preparar e ficar a mais linda de todas. Chegando o dia, Lola estava nervosa mas confiante, pois havia se preparado. Chegando lá, viu que estavam todas as vaquinhas posicionadas com seus laços. Ela não fez diferente, tomou seu lugar. Passaram horas e os juízes já tinham visto todas.

O apresentador então anunciou a vencedora:

– É a Lola!

Lola era a mais linda! Seu dono ficou muito feliz e orgulhoso. Com ela não foi diferente, depois de ganhar sua faixa e sua medalha, foi correndo contar para sua amiga arara. E com isso todos ficaram muito felizes e Lola ficou famosa.

Calebe Oliveira



Os alunos também escreveram uma história fantástica, com seres vindos do espaço direto para o parque.



Os alienígenas do parque

O dia 1º de janeiro, no Parque de Exposições, parecia um dia normal. Só que um brinquedo deu um problema e tombou. Não tinha ninguém no brinquedo, mas esse fato revelou um laboratório científico embaixo dele.

Nisso, os policiais foram chamados para investigar esse caso. Eles entraram lá e encontraram várias armas e animais sendo vítimas de experimentos científicos. Alguns deles foram resgatados, mas outros não.

Chegou a noite e os policiais se esconderam para espionar os alienígenas. Eles descobriram que tinha um ponto fraco neles, a luz. Então, esperaram o dia seguinte para tentar capturar os alienígenas. Como eles eram muito fortes, os policiais precisavam de equipamentos especializados para essa captura. Mas chamaram uma equipe e foram em frente.

Quando os policiais chegaram ao laboratório e conseguiram expor os alienígenas ao sol, aos poucos eles foram desaparecendo. E foram deixando cinzas no chão... E misteriosamente o laboratório sumiu.

Ana Júlia Dantas Gonzales, Anna Vitória Oliveira da Silva, Kiara da Silva Danke e Isabella Caroline Dias Viturino

ESTÁDIO LUTHERO LOPES

EMEF BONIFÁCIO SACHETTI

Professores Edson de Barros Santos e Thailany dos Santos Rosa

Turma 6ºano B

Uma das maiores paixões nacionais é o futebol. O mundo é uma bola e nele cabem os sonhos de crianças de todas as idades e de diversas origens. Quem já não se imaginou uma jogadora como a Marta ou um jogador como o Ronaldinho Gaúcho? Aliás, vocês sabiam que o primeiro gol oficial no nosso estádio foi feito pelo “bruxo”? Sim, Ronaldinho marcou gol da inauguração, em um jogo nos anos 2000 entre o Grêmio e o Rondonópolis União, que perdeu por 4 x 0. Mas uma história puxa outras tantas e a turma descobriu, entrevistando o professor Vandson Guedes, que ele também foi o “primeiro” a fazer gol no estádio. Nossa cidade é cheia de surpresas!

Houve uma roda de conversa com o professor Vandson Guedes, o “primeiro” a fazer um gol no estádio, fato ocorrido durante a construção da estrutura. Vandson relatou que o pai o levou, quando criança, para ver a construção do novo estádio e que até marcou um gol antes mesmo de o estádio ser inaugurado. Vandson nos trouxe os registros fotográficos desse dia marcante na vida dele.

Produção coletiva



A visita ao estádio foi muito especial para a turma. Foi enorme a emoção de pisar no gramado e se sentir parte desse lindo patrimônio da nossa cidade, valeu como se fosse o mais lindo drible que já aconteceu ali. E como a emoção fica guardada de algum modo dentro da gente, ela sai em forma de poesias e relatos carinhosos. Viva nosso Estádio Lutheró Lopes!
É gol de placa!



O Lutheró Lopes

Não sei quantos metros
Há no Lutheró
Mas sei que é grande
Como a emoção
Que nos traz diversão

O Lutheró está velho
Mas sei que tem jogo do Atlético
Com o VAR honesto
Com o cachorro caramelo

O designer do Lutheró está velho
Mas quando acabou sua obra bateu o martelo
Ronaldinho Gaúcho fez o primeiro gol
Então comemorou

A torcida do União
Faz uma canção

Seu grito ecoa
Enquanto as araras voam
A grama verde fica linda
quando a luz solar nela habita.

Emilly Victória Andrade Pereira, Maria Luiza Antunes Delgado,
Maria Vitória Gomes dos Santos e Yhanna Feitosa Ferreira

Meu sonho

Bom, eu nunca tive a oportunidade de conhecer um estádio, então para mim vai ser um sonho realizado. Porque meu sonho também é ser jogadora de futebol. Com a visita, talvez possa ser a primeira vez fazendo um gol em campo.

Conclusão: depois do passeio...

Foi muito legal! Eu fiz três gols onde o Ronaldinho jogou. Fomos aos vestiários, e o mais incrível é que na entrada tinha uma arara grande. Eu vi o campo lá de cima, a vista era realmente bonita. Nós subimos nas arquibancadas, tiramos muitas fotos também e demos muito mais risadas.

Sophia Almeida dos Santos

O Estádio Lutheró Lopes é muito bonito. Lá é gigante e a grama é bem verdinha, tem muitos bancos para assistir a um jogo e eu me pergunto: quantas pessoas cabem ali?

Deve ser bem legal como o jogador se sente ao entrar no estádio e competir contra outro time. Eu ficaria nervoso. Foi muito legal!

Murilo Fagundes Rezende



Pois é, Murilo, nosso estádio tem capacidade para 19 mil pessoas, e como seria essa emoção ao pisar na grama? A turminha imaginou um campeonato!

O interclasse

Os alunos do 6º ano B da escola Bonifácio Sachetti montaram um time para jogar o interclasse. Eles jogaram na abertura e venceram de 2x0, e assim aconteceu sucessivamente. A turma do 6º B se tornou campeã. Eles foram tão bem que foram reconhecidos por Rondonópolis inteira. No estádio do Luthero Lopes foram chamados para jogar contra o União, mas infelizmente perderam.

E mesmo assim ficaram muito felizes. Felizes por poderem participar de um jogo tão importante em um estádio em que o “Bruxo” jogou. Até teve um evento no Luthero Lopes que eles participaram: deram entrevistas e toda Rondonópolis gritava seus nomes.

Carlos Eduardo Silva Moura Pinheiro, Carlos Eduardo Silva Rodrigues, Fábio Yuri de Lima Sousa e José Antônio Silva Castro

É gol de trivela, folha seca, gol de placa e gol de letra da nossa turma da escola Bonifácio Sachetti, viva!!



ALDEIA TADARIMANA

EMEF VILA PAULISTA MARIA URSULINA DE MIRANDA

Professora Letícia Maria dos Santos Firmino

Turma 6º ano A

Estamos chegando ao final de nossa viagem por Rondonópolis, passamos por praças, casas, rodovias, museus, igreja, parque de exposição... E, ao fim de uma viagem, é momento de descansar e mais uma vez poder, através do silêncio, ouvir histórias. Um livro quando é realizado fica para sempre. Pode ser esquecido, guardado em algum canto, mas ao abrir suas páginas ele novamente respira e nos conduz por muitos caminhos.

A aldeia Tadarimana tem muitos saberes, é preciso cuidar e proteger os povos originários e aprender sempre com suas cosmogonias, ritos e filosofia. Aliás, os alunos descobriram uma curiosidade: o nome Bororo é um mal-entendido linguístico. Esse era o nome com que os Boe designavam seu pátio central, e acabou servindo para nominar a etnia. Atualmente chamamos de Boe-Bororo. No pátio central da aldeia, muitas histórias são contadas e a vida é atravessada em seus belos rituais.

A large jaguar with orange fur and black spots is perched on a thick, dark tree branch. The jaguar is looking down towards the left. The background is a dark blue night sky with many small white stars. To the left, there are some dark, silhouetted trees and a small plant with green leaves at the bottom left.

Estudando a cultura da aldeia, a turma aprendeu alguns bakarus, que são seus relatos orais de conhecimento ancestral.

A lenda da cigarra e da onça

A cigarra disse que ia medir a resistência de fome dela e da onça. Ela achava que a onça iria sentir fome antes dela, mas a onça afirmou que não. A onça consumiu muita comida e depois foi à procura da cigarra. As duas se encontraram ao pé da árvore e iniciaram o duelo. Passou muito tempo, e a onça foi ficando com fome. No final a onça tentou comer a cigarra, mas a cigarra não estava mais lá, era só a pele (casca) dela.

Bryan Rodrigues Vilarim

O surgimento das estrelas

Há muito tempo, no povo Bororo, as mulheres saíam mais cedo para a mata e só voltavam à tarde, sem dizer para onde iam. Um menino curioso resolveu segui-las e descobriu que elas comiam o milho, que o povo não conhecia. Ele pegou um pouco de milho e dividiu com as outras crianças.

Quando ouviram as mães voltando, ficaram com medo e pediram para um beija-flor levar um cipó até o céu, para se esconderem. As mulheres subiram atrás deles, mas os meninos cortaram o cipó. As que caíram nas árvores viraram macacos, quatis e iraras, e as que caíram no chão viraram pacas, cotias e jaguatiricas. Os meninos ficaram lá em cima e seus olhos se transformaram nas estrelas.

Sarah Aparecida Chagas Jesus

A gente lê com os olhos, mas sobretudo com nosso coração.

E as crianças boe, como foram vistas pelas crianças da nossa escola?
E a aldeia? O olhar atento da Lorena captou algumas impressões.

Percebi que as crianças da aldeia Tadarimana têm um desenvolver muito bom nas escolas, eles fazem cartazes com a língua bororo e colocam a tradução em português. A maioria das crianças fala português na escola, as pessoas de lá da escola são alimentadas muito bem e eles aprendem várias coisas como o idioma deles e a escola é bem estruturada. As casas são feitas de palha, poucos moram em moradia com tijolos e as pessoas da vila são acostumadas a sair para ir à cidade grande pra buscar comida e trabalho, porque as únicas profissões na aldeia são professora, agente de saúde e agricultores. Por isso várias pessoas trabalham fora e praticamente todos se conhecem. No meio da aldeia tem um casarão (baito, a casa dos homens) e ao redor tem várias coisas e todos sabem o mapa de suas casas nos clãs até chegar à casa do meio e na aldeia passa ônibus para levar em alguns pontos da cidade grande e tem muita vegetação em toda a aldeia.

Lorena Priscilla Rizzo Souza

A professora Letícia deixou um relato muito especial de como foi a escolha do tema para nosso livro.

Voltei da aldeia levando mais do que informações: trouxe comigo a sensação de que ensinar também é atravessar pontes invisíveis. É se permitir ouvir o silêncio e aprender com ele; é compreender que nem todo saber cabe em livros ou registros. Há ensinamentos que só se revelam no tempo e no espaço de quem os guarda. E talvez a lição mais valiosa tenha sido perceber que, para ensinar História, é preciso, antes, aprender a respeitar a história que pulsa viva diante de nós.

Letícia Maria dos Santos Firmino

Este livro foi realizado por crianças que têm olhos de estrela.



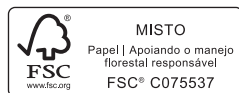
Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michele da Silva Soares
Texto final: Luciana Nabuco
Ilustrações: Olavo Costa e Jordi
Assistente de arte: Mariane Gusmão
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marta Góes e Olavo Costa, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-073-6



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

N117r Nabuco, Luciana.
Rondonópolis : a cidade da gente / organização Luciana Nabuco ; ilustrações Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-073-6
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Costumes. 6. Rondonópolis (MT). I. Costa, Olavo. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

patrocínio

parceria

produção
executiva

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES



SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO, CULTURA,
ESPORTE E LAZER



doble.
cultura

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Era uma vez Rondonópolis. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... O rio Vermelho, a Vila Paulista, a Praça do Pôr do Sol, entre outros patrimônios, fazem parte desta narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.



patrocínio

parceria

produção
executiva

realização



SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO, CULTURA,
ESPORTE E LAZER



doble.
cultura

MINISTÉRIO DA
CULTURA

